



Um encontro entre a cabeça de branca e a preta da meia noite

Luiza de Oliveira¹

RESUMO

Este escrito toma como ponto de partida as expressões “cabeça de branca” nascida das reflexões da paciente sobre o encontro com uma psicóloga preta e sua branquitude, e “preta da meia-noite”, expressão racista historicamente utilizada para desumanizar homens negros, para problematizar a prática psicoterapêutica psicodramática em um país estruturado pela lógica da racialização e pela persistência do racismo. Ao analisar o encontro entre uma psicoterapeuta negra e uma paciente branca, o texto evidencia como esse cenário clínico se torna um espaço privilegiado para observar a operação da branquitude e da negritude na produção de sentidos, expectativas, papéis e resistências. A cena terapêutica, longe de ser neutra, revela tensões, projeções e afetos que emergem justamente porque o racismo organiza relações, lugares sociais e modos de subjetivação. A partir dos estudos das relações raciais e dos fundamentos da socionomia e do psicodrama, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a clínica psicodramática, destacando a necessidade de reconhecer e enfrentar os efeitos do racismo na constituição dos vínculos terapêuticos e na produção de sentidos dentro da psicoterapia.

Palavras-chave: Psicodrama, Psicoterapia, Clínica, Racialização, Racismo

¹ Didata e Terapeuta de aluno. ASBAP. luizaoliveiradelacerda@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A psicoterapeuta é preta. Constatei isso há seis anos, quando entrei em seu consultório. Eu vinha de uma psicóloga branca, alta e vaidosa. Quando a nova terapeuta abriu a porta, não correspondia ao que eu esperava. O que se esperava naquele espaço era a brancura — e é justamente desse impacto inicial, revelado e elaborado ao longo do processo terapêutico, que partimos neste trabalho. As relações clínicas nunca ocorrem em um vazio social; ao contrário, são atravessadas por marcadores históricos, culturais, políticos e, por que não dizer, coloniais, que moldam a forma como corpos, discursos e afetos se encontram.

Do estranhamento diante de uma psicoterapeuta preta emerge a pergunta: “Se eu não sou preconceituosa, por que não era isso que eu esperava?” A paciente branca, que se percebia como não preconceituosa, confronta-se com a força do racismo estrutural que organiza expectativas, percepções e hierarquias. Quando a “cabeça de branca” encontra a “preta da meia-noite”, torna-se visível o modelo estrutural do racismo — explícito ou implícito — que naturaliza a branquitude como referência universal de humanidade, competência e neutralidade. Nesse encontro, a paciente é convocada a reconhecer seus condicionamentos raciais, enquanto a terapeuta precisa manejar simultaneamente seu papel profissional e as implicações de ocupar um corpo historicamente subalternizado.

A partir do primeiro encontro marcado pela cor de pele não esperada, e após anos de reflexão e certo silêncio, consolida-se a personagem “cabeça de branca”. Ao nomear o racismo, a paciente começa a compreender, ainda que de forma inicial, que não é simples ser uma mulher preta nesse contexto. Ao confrontar e elaborar a expectativa de brancura projetada na psicoterapeuta, conclui: “Sou privilegiada não apenas pela minha condição social, mas também pela cor da minha pele. A minha psicoterapeuta é preta, e isso não é tão simples assim”.

Discutir essa cena no âmbito do psicodrama brasileiro é fundamental para compreender como práticas clínicas podem tanto reproduzir quanto tensionar estruturas racistas. O psicodrama, ao trabalhar com dramatizações, inversões de papéis e vivências corporais, oferece um espaço privilegiado para desvelar desigualdades, questionar normatividades e promover letramento racial. Analisar o encontro entre essas duas mulheres — uma branca e uma preta — permite iluminar os modos pelos quais o racismo se manifesta, é percebido, negado ou enfrentado na clínica, abrindo caminhos para uma prática psicoterapêutica mais ética, crítica e comprometida com a transformação social.

No psicodrama, a cena, o corpo e os papéis sociais são elementos centrais. Por isso, essas dinâmicas emergem com ainda mais força, revelando tensões que muitas vezes permanecem silenciadas. A articulação entre psicodrama, psicoterapia e clínica torna-se especialmente complexa quando situada em um país marcado pela racialização das relações sociais e pela persistência do racismo como estrutura organizadora da vida cotidiana. Nesse sentido, compreender como o racismo e a racialização se manifestam no encontro clínico é fundamental para repensar os pressupostos do psicodrama e suas práticas. Assim, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a clínica psicodramática, destacando a necessidade de reconhecer e enfrentar os efeitos do racismo na constituição dos vínculos terapêuticos e na produção de sentidos no contexto psicoterapêutico.

2 – Preta(o) e branca(o) – Do que falamos?

Fanon (2020), ao iniciar o capítulo A experiência vivida do negro, reproduz uma adjetivação recorrente dirigida às pessoas negras — “Negro imundo!” — e desenvolve, em seguida, uma reflexão de caráter quase poético sobre a constituição do negro como objeto. Ao final, afirma: “Eu me enfureci, exigi uma explicação... Nada adiantou. Explodi. Eis aqui os estilhaços recolhidos por um outro eu” (FANON, 2020, p. 126). É desse lugar de fragmentação que o sujeito negro se constitui, e é nesse espaço-tempo que emerge a figura da “negra ou negro da meia-noite”. Aqui, “meia-noite” não remete à beleza do noturno enquanto fenômeno natural, mas à sua apropriação colonial como metáfora de desumanização, negatividade e inferiorização.

As expressões “negro(a) imundo(a)” ou “preta(o) da meia-noite” opera como dispositivos de negação ontológica, instaurando uma não existência enquanto ser. Fanon (2020) argumenta que, ainda que se possa pensar ontologia separada da existência, tal separação não se aplica ao negro: “Pois o negro já não precisa ser negro, mas o é diante do branco”.

Carneiro (2024), em sua tese de doutorado, demonstra que as relações sociais no Brasil são organizadas e hierarquizadas por dispositivos de racialidade. A autora retoma o conceito foucaultiano de dispositivo e argumenta que tais dispositivos atravessam todas as instâncias sociais, estruturando tanto o dito quanto o não dito. Em sua análise, aprofunda a discussão ao examinar como esses dispositivos produzem um espaço social no qual o negro não é facilmente concebido como sujeito intelectual. Delphino (apud CARNEIRO, 2024) destaca que Sueli



Carneiro desenvolve esse ponto ao evidenciar a anulação intelectual da pessoa negra enquanto sujeito reflexivo.

Nesse contexto, a psicóloga negra é mantida não por escolha, mas por força estrutural em uma posição de não saber. Essa conservação não se refere à conserva cultural proposta por Moreno, mas a uma conserva colonial conceito elaborado por Vomero(2022), partindo do que está conservado do colonialismo, que delimita lugares sociais e restringe possibilidades de reconhecimento.

O encontro entre a “cabeça de branca” e a “preta da meia-noite” pode ser analisado à luz dos princípios psicodramáticos de identidade, identificação subjetiva e papel. Em um exercício teórico-lúdico, pode-se compreender que ambas se identificam mutuamente a partir da identidade de grupo, marcada pela cor da pele. O estranhamento da paciente comunica uma projeção sobre o lugar social que aquele corpo negro deveria ocupar. A identidade de papel, entretanto, comunica objetivamente que aquela mulher negra é psicóloga, produzindo uma tensão entre expectativa racializada e realidade profissional. A relação terapêutica torna-se, assim, um processo contínuo de interação e negociação de valores.

Refletimos, portanto, sobre um complexo relacional marcado por dispositivos de racialidade, conservas coloniais e múltiplos fenômenos sociais e de poder que estruturam uma sociedade profundamente racializada e ainda não reconciliada com sua história de colonização branca. Nesse sentido, Ramos (2025) é preciso ao afirmar que somente será possível construir uma sociedade brasileira igualitária quando a patologia social da branquitude brasileira for enfrentada e elaborada.

A intervenção terapêutica, conforme a máxima atribuída a Moreno, deve alcançar toda a humanidade. Vomero sintetiza esse princípio ao afirmar: “Ao reconhecermos nossa branquitude, estaremos aptos a reconhecer a negritude ou aquela(e) que se difere do nosso mundo de privilégio branco Vomero (2022). Ao reconhecer sua cabeça de branca foi possível a ela reconhecer a negritude e como a paciente coloca sem ser militante, mas sabendo que nunca alcançar a dor produzida pelo racismo, mas pode estar ao lado.

Na relação psicoterapêutica precisa considerar aspectos da racialização e o reconhecimento dos lugares impostos a negritude e os privilégios destinados a branquitude é condição para a efetivação do trabalho clínico no Brasil



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O convite é para refletirmos sobre os processos de racialização atravessam de maneira profunda a constituição do psicodrama brasileiro, ainda que historicamente tenham sido silenciados ou naturalizados. A cena da paciente branca que, ao se olhar no espelho, reconhece sua própria branquitude e, a partir disso, identifica seus preconceitos raciais, revela a importância do reconhecimento de si como sujeito racializados. Esse movimento, embora individual, aponta para a necessidade de que profissionais brancos compreendam sua posição social e os efeitos dessa posição nas relações terapêuticas.

Concluo apresentando o questionamento: quantas vezes, ao abrir a porta no campo do psicodrama, estranhamos a produção intelectual de profissionais negros(os)? E aqui não se trata apenas retórica, mas denuncia a permanência de estruturas raciais que organizam as relações entre psicodramatistas brasileiros. Tal estranhamento constitui um sintoma do racismo estrutural que atravessa as instituições formadoras, os referenciais teóricos e as práticas clínicas.

Diante disso, torna-se imprescindível que o psicodrama brasileiro se confronte com sua própria branquitude, reconhecendo-a como posição racial e não como norma universal. Esse reconhecimento é condição para que se avance na construção de um campo verdadeiramente plural. Assim será possível consolidar um psicodrama comprometido com a equidade racial e com a ampliação das vozes que historicamente foram marginalizadas.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** São Paulo Zahar. 2023.
- DELPHINO Gabriel. **resenha do livro Sueli Carneiro. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 36, n. 2.
- FRANTZ F. **Pele Negras, Máscaras Brancas.** São Paulo UBU. 2020.
- RUSSEL Daniel. **Psicodrama Brasileiro e a Luta Antirracista: O Legado de Alberto Guerreiro Ramos** Rev. Bras. Psicodrama, v33, e 0425, p.1-5, 2025.
- VOMERO L. Z. **Descolonizando o conceito de reconhecimento (eu-tu)** . Rev. Bras. Psicodrama, São Paulo, v30, e1422, p.1-10, 2022



25° CONGRESSO BRASILEIRO DE
PSICODRAMA
TERRITÓRIOS MEMÓRIAS TRANSFORMAÇÕES



Campo Grande, 01 a 06 de junho de 2026